



Nº 243 - 26-6-75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7550

**VEJAM LÁ SE ALGUÉM
QUER VIR ROUBAR
ESTAS "ARMAS" !!**



**ARRECADAÇÃO
DE MATERIAL**





ENTREVISTA COM UM SÓCIO MAIORITÁRIO



DITOS E CONCEITOS

Os animais entendem-se, de facto, muito melhor que os seres ditos humanos. Basta ver que: qualquer animal que se aviste com qualquer outro de outro país — um cão, um gato, um burro, etc. — se entende, de imediato, com os seus semelhantes! ...

Primeiramente, devo salientar que me foi muito difícil fazer esta entrevista, por dois motivos: 1º Porque é cada vez mais difícil encontrar sócios maioritários em Portugal (a maior parte fugiu para o Brasil). 2º Porque isto de entrevistar um maioritário silencioso não é para um qualquer; é que eles só falam quando estão no poleiro ou então lá p'rás tantas da matina quando os trabalhadores descansam da "batalha da produção", no entanto, consegui apanhar um, bem disposto, que disse umas laráchias:

EU — Bem, mas isso não é nada se compararmos com as "manifestações espontâneas" dos suciais (de sucia) fascistas.

ELE — Mas é que não é só nisso que eu ganho. Repare nas tintas, pincéis, papel e derivados que se gastam para convocar as manifestações. Tudo isto se reflecte nos lucros da minha rede de papelarias. E a liberdade de escrever nas paredes, os comunicados e contra-comunicados e contra-contra-comunicados e...

EU — Que pensa da actual situação após o 25 de Abril?

ELE — Pois... acho que isto está cada vez melhor; é preciso é que hajam cada vez mais manifestações.

EU — Ah! Você concorda com as manifestações?

ELE — Então porque é que não havia de concordar? Olhe que eu sou um capitalista progressista, ouviu? Aqui para nós, você já pensou no lucro que as manifestações dão?

EU — Não, nunca tinha pensado nisso, mas elas dão lucro?

ELE — Então não dão? Segundo uma sondagem que eu mandei fazer, de vinte em vinte manifestações é preciso pôr meias-solas nos sapatos e de quarenta em quarenta é preciso mudar de

sapatos. Já viu, só aí, o lucro que me dá a fábrica de sapatos e derivados em que fiz um pequenos investimento?

EU — Bem, mas isso não é nada se compararmos com as "manifestações espontâneas" dos suciais (de sucia) fascistas.

ELE — Mas é que não é só nisso que eu ganho. Repare nas tintas, pincéis, papel e derivados que se gastam para convocar as manifestações. Tudo isto se reflecte nos lucros da minha rede de papelarias. E a liberdade de escrever nas paredes, os comunicados e contra-comunicados e contra-contra-comunicados e...

Nesta altura tirei o

meu disfarce de capitalista (única maneira de conseguir esta entrevista) e deixei-o a falar sozinho o resto da noite.

Aqui para nós estes gajos ainda estão muito bem, mas é preciso que eles saibam o que é apertar o cinto (alguns nem o usam — a barriga chega e sobra para segurar as calças).

Com grande surpresa minha apareceu-me no outro dia de manhã (ainda c'os copos) a dizer-me que tinha encontrado mais uma vantagem nas manifestações: a venda de pastilhas, para a rouquidão, mas que, no entanto, pedia ao Pai Natal para lhes trazer uma ditadurazinha o mais depressa possível porque tinha saudades dos amigos do Brasil.

Diz o povo: "Todos os santos têm o seu dia..." Poi é... até os de "pau carunchoso", em todas as épocas! ...

Certos patrões continuam a não ganhar nada, a perder muito, a estar encravados e cheios de dificuldades mas, mesmo levando uma "triste" vida não a querem trocar pela dos empregados! ...

O pepino, para ser menos indigesto — dizem — deve comer-se com metade da casca, pelo menos. Deve ser mesmo verdade. Já temos visto animais comerem pepino — com a casca toda — e ainda não ouvimos nenhum queixar-se de indigestão!

Num país que, como o nosso, já não quer ser capitalista, é de certo modo paradoxal que tantíssima gente continue interessada em acertar no "Totobola" e no número da "Sorte Grande". A menos que a intenção seja, apenas, altruista — isto é, ajudar a Misericórdia! ...

Não é disparate supor que os cães tenham incarnado a alma de Abel. Quando os tratam mal "gritam" logo: "caim", "caim", "caim"! ...

Em Portugal — um país que não tem assim poucos pomares — continua tristemente a verificar-se que: só tem direito a fruta quem ganhe à bruta!



ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMÉDIOS DA CP



PELA SUA EXTRAORDINARIA OPORTUNIDADE E COM A DEVIDA VÊNIA, REPRODUZIMOS AQUI UM ADMIRÁVEL TRABALHO ASSINADO POR V.S. E QUE FOI RECENTEMENTE PUBLICADO NO BOLETIM DAS FORÇAS ARMADAS, QUE ESTAMOS CERTOS OS Nossos LEITORES Apreciarão.

Crônicas Medievais

cenas EVENTUALMENTE CHOCANTES

EL REI

— Minha muito amada esposa e senhora D. Briolanja, quereídes dizer-me porque motivo me não haveídes cosido as bragas como vos ordenei?

D. BRIOLANJA

— Senhor meu esposo já vos declarei e volto a declarar que se quereídes as bragas ou os coturnos nas cosidas teredes de os coser vós mesmo ou então pagardes a uma serva para que o faça. Comigo não contedeis...

EL REI

— Oh inconsciência de rebeldia! Acaso vos olvidades que ainda que não seja já rei, sou ainda o vosso amo e senhor?

D. BRIOLANJA

— Não me faceídes rir que tenho boqueiras. Essa coisa dos senhores já acabou, e vos bem o sabeídes...

EL REI

— Pois quê? Acaso também vós partilhaiídes essas novas ideias rebeldes que se espalharam no meu antigo reino?

D. BRIOLANJA

— Que eu saiba, das novas que hei recebido quem primeiro se espalhou no vosso antigo reino fostes vós. Verdade seja que já depois de vós muitos outros se espalharam...

EL REI

— Pois se vamos a isso, muitos outros se não espalhar ainda. Mas não era disso que eu talava: se não me quereídes coser as bragas não vedes que por este andar qualquer dia terei o meu real trazero a mostra... achaiídes bem?

D. BRIOLANJA

— O problema é vosso. Se não quereídes mostrar o trazero, deixaiídes-vos estar sentado. E se quando a gente estava no nosso antigo reino não andasteis sempre de cu no ar a inaugurar chafarizes, talvez agora não tivesteídes as bragas rotas...

EL REI

— Estou em crer, senhora minha esposa que haveídes partilhado das alevozas ideias dos meus maiores inimigos. Vós, que eu fiz a primeira dama dos meus reinos andaiídes agora uma perfeita anarca...

D. BRIOLANJA

— E que mal achaiídes vós nos anarcas?

EL REI

— Que mal acho? Então vós, na vossa profunda ignorância não sabeídes que a anarquia é a mais radical forma de oposição ao nosso sagrado estatuto de monarquia? Acaso ignoraiídes que eles são portanto os nossos verdadeiros inimigos e que sempre se oporão a que os um dia regressemos elevados em glória ao nosso reino?

D. BRIOLANJA

— Meu amado esposo, parece que cada vez estaiídes mais na mesma. Esta agora de vos

quereídes meter no elevador da Glória é de arrebatado!

EL REI

— Pois ficaiíde sabendo que a maioria do meu povo me aguarda com muita ansiedade!

D. BRIOLANJA

— Não me admiro... ouvi dizer a um mercador que veio do nosso reino, que ali tinha visto escrito nas paredes que esperavam para breve a chegada do D. Sebastião!

EL REI

— Vedes? Vedes? Essa também é dos anarcas!

D. BRIOLANJA

— Pode ser que seja. Mas se eles esperam pelo D. Sebastião, deixaiíde lá que também são capazes de esperar por vós...

EL REI

— Não sei porquê, tenho a impressão que estaiídes a gozar...

D. BRIOLANJA

— Eu? Por quem me tomaiídes? Bem sabídes que isso convosco foi chão que deu uvas, e há muitos anos. E verdade, verdade... nunca deus grande coisa...

EL REI

— Vedes ao que chegou o desbragamento dos costumes? Vós que ereídes uma dama recetada teídes agora dessas conversas libertinas...

D. BRIOLANJA

— E pens, tenho eu de não ser mais nova, que eu vos contaria! Então é que vós veríeis algumas cenas eventualmente chocantes...

EL REI

— Tonto, senhora, nas palavras que dizídes, que as paredes pod-ém ouvir-vos e ficamos desacreditados!

D. BRIOLANJA

— E a mim que me importa? Em que tempo pensaiídes que vivemos? Cuidaiídes que estamos nos longínquos tempos em que vós me lavasteídes pela primeira vez ao talamo conjugal?

EL REI

— Silêncio, desgraçada!

D. BRIOLANJA

— Silêncio uma oval! Já estive silenciosa muito tempo! Quando me lembro do tempo que vivi na minha mocidade, risonha! Claro que vós já vos não alembraídes disto! E eu ia tão linda, toda de branco vestida, e esperando que vós me disosteídes palavras miúdas e ternas... ainda vos alembraídes do que me disosteídes?

EL REI

— Senhora, tende tento na vossa condição!



HISTÓRIAS ERÓTICAS



O homenzinho de aspecto débil e franzino que insistia para falar com o proprietário do luxuoso e muito reservado "cabaret" que ostentava o arrojado nome de "VALE TUDO", tinha já sido por diversas vezes afastado pelo porteiro-gorila que presentia nele qualquer espécie de pedinte.

— O senhor director não pode receber ninguém. Se você vem receber alguma conta, os pagamentos são à quinta-feira!

— Não, não o senhor não me compreendeu — interrompeu o homenzinho com voz suave — Eu venho propor um negócio muito rentoso ao senhor director!

O porteiro olhou-o desconfiado:

— Um negócio rentoso? Que espécie de negócio?

— Bom, a verdade é que toda a gente sabe que o senhor director anda sempre à procura de atracções... fortes... para o seu espectáculo no "Vale Tudo"; e eu tenho um bom cartaz para lhe oferecer...

O gorila coçou a cabeça. Olhou para o velhote com ar crítico: não lhe cheirava que dali saísse grande coisa. Mas por outro lado, ele bem sabia que o director nunca lhe perdoaria se ele tomasse uma decisão de tão alto nível como a de aceitar ou recusar uma atracção...

Por fim resolveu-se:

— Bom, espere aqui. Eu vou ver se o senhor director o pode receber!

O homenzinho sentou-se com um suspiro de alívio num caixote junto à entrada, enquanto o gorila se dirigia para o interior do "Vale Tudo".

Dá a momentos voltou e mandou com um gesto, entrar o homenzinho.

O gabinete do senhor director era imponente e luxuoso. Sentado a uma enorme se-

ESPECTÁCULO DO "VALE TUDO"

cretária o senhor director olhou com ar crítico o homenzinho débil e meio corcovado que timidamente se abeirava dele. Com a mão onde fuscavam anéis de bri-

bom, para o seu clube que é o único onde se podem apresentar certas... atracções... sabe; eu entro no palco, coberto com uma capa larga, depois abro os braços... e le-

ectáculos sexy, que é o que o público hoje aprecia! Portanto desculpe, mas... O homenzinho atalhou pressuroso:

— Perdão, perdão! Mas eu

contram deitadas, completamente nuas, dez esculturais raparigas, todas lindas, umas morenas, outras loiras e duas ruivas...

O senhor director inclinou-se para a frente:

— Sim? E depois?

— Depois... entro eu...

— O senhor?

— Sim, senhor director. Entro eu, também completamente nu...

O senhor director quase que se engasgou com o fumo do charuto:

— O... senhor...? Para quê?

— Bom... eu começo pelo primeiro divan da esquerda... e... bem... eu... presto à primeira rapariga a... bom... a melhor homenagem que um homem pode prestar a uma mulher...

— Bom, percebo, percebo... mas... e depois...?

— Depois... passo para a segunda! E faço o mesmo...

— É incrível! O senhor... com essa idade... com esse aspecto... e disse que eram dez raparigas?

— Sim senhor... dez...

O contrato foi imediatamente firmado. E o espectáculo foi anunciado para dois dias depois. Era o espectáculo sensação da melhor das épocas do "Vale Tudo". No dia escolhido não havia um único lugar disponível na enorme e rica sala do clube. Todos os olhos se concentravam na pesada cortina de veludo que cobria o palco...

Houve uns acordes vibrantes da orquestra. E a pesada cortina subiu lentamente enquanto em fundo a orquestra enchia o silêncio com a música sensual da Sherazade. Dez riquíssimos divans estavam de facto ocupados por dez verdadeiras Venús que sob a luz forte dos projectores sorriam timidamente para o público ávido de emoções...

Um novo acorde marcou a



lhantes tirou o charuto da boca e perguntou:

— O senhor representa alguma atracção?

— Represento... isto é... sou eu...

— O senhor?

— Sim senhor director. Eu tenho um número muito

vanto vôo. Dou a volta à sala junto ao tecto, e volto a posar no palco...

O senhor director teve um sorriso depreciativo:

— Ora... isso não interessa. Isso é um número vulgar de circo. E o meu clube é um clube de emoções fortes! De

também tenho um número desses! Se o senhor autorizar...

— Um número desses? Que número é?

O homenzinho coçou os cabelos ralos:

— Bom, a cena abre com dez ricos divans, onde se en-

ORA CONTE-NOS... O QUE PENSA SOBRE AS RESTRIÇÕES 'A SAÍDA DE DIVISAS NAS VIAGENS AO ESTRANGEIRO?



Conductorista



Político Mal Visto

COM ESTA É QUE ME LIXARM !!!!!!
EU TINHA CÁ OS MEUS PLANOS E AGORA É TARDE!



Trabalhador

ORA, ORA!...
EU JÁ PASSEI COISAS MAIS DIFÍCEIS!

MAS AFINAL O QUE É ISSO DE DIVISAS?
SE É 'PASTA' NÃO TENHO!

Capitalista

BOM, NESTA ALTURA ISSO JÁ NÃO ME AFECTA MUITO....
O QUE LA' VAI, LA' VAI...

Artista de Variedades



EU CA' NÃO ME IMPORTO,
SOU ARTISTA COM MUITOS TRUQUES DE MAGIA !!!

CARTAS DE OLINDA E ALZIRA



Tu não podes saber, querida Alzira,
Com que alegria as cobiceiras letras
Da tua Olinda forem proibidas!
Não podes saber, nem su cizurto,
Que para a locução que Amor inspira
Quam diferente linguagem da que falam
Os livros, que me dá o meu Belino!
Nelles descobrio o sensual estilo
Que a modestia revolta, e que não quadra
As puras sensações que Amor excita.
Frases brutais, sem arte e sem melindro,
Como despedaça plebeu sua costuma;
Nêles de Amor os gostos enxovalha
Misterioso yôu, que aranca osuam
Com mão profana d'ante o santuário
Que Amor encerra, e donde o deus occulto
Manda aos mortais um cento de venturas.
Dêles o nûmen não foge, e por castigo
Leva após si delictos que não provam.
Em vez de graças mil, de mil prazeres
Prispaço tropei impior incensam.
Da-me tédio a lico de escritos torpes.
Onde o prazer fugaz, lassos os membros,
Sob mil formas, em vão se perpetua.
Lassos os membros, lassos os sentidos,
Debalde esgotam, sófregos de gostos,
De impudicicia inumeráveis gestos.
Morre a chama que amor mútuo não goza;
Como é vil a expressão e é vil o gozo
Que uma Teresa, que outras tão francosas
Em impuros bordéis gabar se ufana!
Foi-me preciso, Alzira, usar do império
Que a um fraco sexo delectos modos,
Fagueiros, ternos, emprestas costumam,
Para do amante me obter a custo
De obscenas produções o sacrificio,
Que o coração corrompe e devessem
Puros desejos, sentimentos doces.
Mostrei-lhe que o prazer esmorcea
De amável ilusão sem os prodios,
E que, apesar dos seus vãos protestos,
Se os sentidos assaz lisongieja,
Mil emoções gostosas embotando,
Impellido a gozar continuamente,
Escravo do prazer na sua amante
Não luctaria hétrópicos desajos:
Ardentia Messalina buscaria,
Entre os braços das que mais fácil era
A vida termo pôr, que saca-se.
Ceden as minhas supplicas, e agora

BOCAGE

Com as últimas estrofes das "Cartas de Olinda e Alzira" terminamos hoje essa página admirável de Sensualidade sem Pornografia, da Poesia Erótica Satírica e Burlesca de Bocage.

Com o fito de publicarmos integralmente esta faceta quase ignorada do notável Vate Sadino, apresentaremos no próximo número as suas páginas de Poesia Heterodoxa: Sátiras contra poetas.

Grato me dizias, se ele da ventura
O caminho me abruu, se nele o guio.
Assim, quando os sentidos, fatigados
De amor, se misam esgotar delicias,
Mana do coração inexasível,
Prolifica virtudes que os alenta.
Assim de gostos perenas correntes
Frangieja Amira a quem o não profana.
De Amor os gozos são como o diamante,
Que, sem o toque que tocar-lhe veda,
Perde-se a polvil, perde o brilho.
Ame o lastivozê mal, o torpe o obscuro:
Eu em tuas expressões aprendo, Alzira,
Como a ternura impera nos sentidos;
E, dum e douto regulando as forças,
De amorosos tofios requinta a glória.
O sensual atobes nos vícios,
Cujo inflesto vpor todo o corria
De lançar-lhe o tãmofo o esquadro;
Dostra arte após que libar suaviza
Nêctar que Amor espargu aos seus validos,
Das rugas e ocãs não teme o estrago,
Que nos últimos anos pode amada
Em seu transe Amor beijar na face.
Mas que expriz de mim? Pensas, Alzira,
Que a rude Olinda como tu descreva
A emanacão de gostos, que se provam,
Quando o primeiro amor os desenvolve
Da terra virgus innocente partio?
Reclamas a desture de que usava
Antes de metalar de Amor o fuchio?
Ousas mememorar-me de artificio,
Porque eu nãsoube delicada teus
Urdir aos ollectus, porque eu não soube
As efusões do amor envolver nela,
E, qual me mas, dar-te digna oferta?
Basta, tu malis vou obedecer-te.
Tenho ante tyllus instruccões sobejas
Para pintar osuados dos delictos
Que de delicias, num abortos, brotam.
Tu me dás oções, o molde, as cores
E no meu ocado, prezada amiga,
Fecunda o meu desgosto sentimentos,
Que só acabas, se amor acaba!...
Que quimera Gius forma a imposturã...
Onde mores licias se prometem
Que as dum tanto dostro ao lado unido?
Eu souhava-lhe, antes que fosse
Nos misterios amor incada.
Erava de um outro labrimto,
Donde os olhos teus, amada Alzira,
E amor, danone o fio d'Arinaida,
Me fizeram ridexam-me forças
Para abafar oontro, que meus dias

Tinha de funestar com vãos temores,
Filhos do erro vil, da fraude abortos.
Qual vagueia nas trevas sem accordo,
Perdido o tino, aflito, o caminhante,
D'alta serra entre as falas pedregosas
Ou de invia selva na espessura vasta;
Aqui tropeça, ali se encontra e bate,
Macerã as mãos, o rosto, e tentando
Um pé lhe escapa, cai, rã-ola-se e triste,
E num bãretro criê despeda-se.
Eis impressiva luz assume o fuzgo;
Atenta o infeliz, tomaa por norte,
E d'os p'ergios que o cercam, se vê salvo:
Tas tuas letras para mim brilharam
Na escuridã fatal, que me envolvia.

Não espacou Amor ditoso prazo,
Para no grêmio suu tua Olinda,
Bentazejo, acolher. Vira eu Belino
Passar uma e mil vezes, atentando
Com intrissas em mim; atentaí nêle
Em su ternis oltar e meigos gestos;
Vi que um amante o Céu me destinava.
Em breve os olhos meus lhe responderam
As mudas expressões que os seus diziam;
Em breve as suas cartas, de amor cheias,
Fizeram dar igual calor às minhas,
Acendendo os meus fervidos transportes.
Numa cerrada noite, quando ao sono
Estava tudo entregue, Amor velando
No meu gesto e no suu, a voz primeira
Nos juntou; enfim, Ele exultava
Do indivizel prazer; eu me sentia
Na agitação maior de gosto e susto.
Ao dar-lhe a mão, para o guiar de mano
Tê ao aposento meu, súbito fogo
Calou-me as veias, penetrou-me toda.
Mas quando, já fechados um com outro,
Vi que seus gestos, mais que suas vozes,
Sua ternura osuada me exprimiam,
Lembrei-me o p'rgio a que me havia exposto,
Tarda lembrou-me, que cida a embatias
De ignoto medo, que o rubor geral
Querua eu impedir-lhe ardentes beijos,
Mas vedavam-no as chamas que acendiam.
E as primeiras caricias insensivel,
Lutando entre o pudor e entre o desejo,
Em mil contrárias reflexões absorso,
Meu silencio e inação a empressas novas,
De maior valor, Belino excitaram.
Confesso que dixeram quiz oguê-me
A seus instantos, no primeiro instante;
Porém, pouco tardou que, abraçada
Em chamas voluptuosas, resistindo
A seus esforços mais lhe franqueava

Fácil acesso a próximos triunfos.
Sentado junto a mim, lançando um braço
Em redor do meu colo, até cingir-me.
E obrigar-me a chegar ao meu suor rosto,
Que a mão sobre os peitos, inquieto,
E os lábios descobrindo os olhos, faces,
Tê fixá-los nos meus, ou por entre eles,
Confundindo os alentos, lançar chamas
Dentro em meu coração, qual facho acceso;
A ardente língua suu unindo à minha,
Ou, sobre o sono me colando a boca,
Nêle impressivo deixar seus próprios beijos.
Com mãos mais temerárias, do vestido
Pela abertura a occultos atractivos
Indo o fogo atear... Ah! Que eu não pude
Mais resistência oppor a seus desejos!
Apenas leve fissa separando
Um dedo suu, que um raio parocia,
Tocou o sítio onde os delictos moram.
Súbito, alvorotãdos, uns com outros
Trazendo estranha luta, me levaram
Onde, fora de mim, quasi sem vida,
Sô quanto entio gozari, gozar podia.
De membros todos feitos engolfar-se
As sensações d'ã, e só tornaram
A ser o que eram, quando ao mesmo tempo
Sua potência intrinseca exalando,
Fiquei de todo lânguido, e abtido.
O perverso Belino atentos olhos
Nos meus emtydo fitando, quasi se nãde
De que fixações minha alma se occupava.
Foi extremo o rubor, que de improvizo
Minhas faces tingiu; lancei-lhe os braços,
Escorrendo meu rosto no seu peito.
Por não poder suster-lhe as doces vistas.
A minha terra accã atraiçou-me;
Que o maligno, pegando-me do rosto
Com ambas suas mãos, mais me encavara.
De confusa me ver foiga e se ufana,
Com beijos mil parece devorar-me;
Entre os seus braços mais e mais me aperta,
E pouco a pouco sobre mim se inclina.
Minha cabeça no sofá encocta,
Meus pendentes pêo sofá encocta,
E os súmte entre o pudor e entre o desejo,
Entre os seus mesmos, tê que, enfim, de todo
Sentido do corpo suu o peso gata.
Meu leito era de fronte: mas Belino
No largo campo enroscou-lhe bastante,
Habitãtê, achou para o combate.
Perplexa, em mil delictos enfiada,
Irada, enternecida, em cruel luta,
Meus sentimentos todos labutavam.
Um tímido pudor activo fogos



PARECE IMPOSSIVEL

Eu bem tinha dito que não estava disposto a tratar desses assuntos de astronáutica. Primeiro porque a primeira coisa que se faz nessas coisas é entrar em órbita, e eu bem me lembro duma vez que eu estava a descarregar maçarocas de milho para um carrinho de mão e uma maçaroca estava cheia de porcaria e uma das porcarias entrou-me por um olho e ficou-me logo em órbita. É e por isso e por outras coisas que eu não estou disposto a meter-me na astronáutica porque eu sei bem que eu passei quando o médico me andava a escarfanchar no olho por causa da maçaroca.

Eu cá nem por causa da maçaroca quero voltar a ter que deitar que me mexam no olho, e se vocês pensam que eu digo isto por embriração, estão enganados. Para mim a melhor ciência de todas é a da música. E não me venham cá dizer que é uma arte, porque eu sei muito bem que é uma ciência e das mais difíceis. É como contra factos não há argumentos e isto é um facto, não me venham cá dizer que isto é fita, porque para haver uma fita é sempre preciso haver um argumento e eu não

dou argumento nenhum. Simplesmente, não quero nada de astronáutica porque não quero nada que me entre em órbita. Eu sei que há muita gente que gosta e que até pagaria o que lhe pedissem, me daria tudo e oito tostões para estarem presentes quando algum astronauta mais esperto entrasse em órbita. Mas cada um tem o direito de gostar do que quiser; eu é que não vou nisso porque me lembro muito bem que aquilo na órbita doí que se farta. E depois ainda o que complica mais as coisas é que toda a gente quer depois saber o que se passou, como é que entrou em órbita, quantas voltas deu lá na órbita, se o astronauta se sentia leve ou se sentia pesado, e eu lembro-me quando foi aquele meu caso da maçaroca o que passei, com toda a gente a saber, desde o médico até ao enfermeiro, desde o porteiro ao escriturário. Tudo queria meter o nariz na minha órbita e eu à rasca sem saber porque é que aquilo me tinha saído na rifa.

A mim que nunca fui dessas coisas, e que a única vez que andei nos aviões da Feira Popular até enjoei como um

caranguejo. Sim porque pelo preço que estão as pescadas já não enjoam. Agora só os caranguejos e isso mesmo é porque são obrigados devido à crise de habitação a viver no meio da merda toda que sai

dos canos de esgoto ali ao pé da Cruz Quebrada e é por isso que os gajos começaram a andar de lado, que é a maneira deles torcerem o nariz àquele porcaria. E isso também naturalmente para que não

lhes entre nada na órbita, porque eu tenho cá para mim que num ambiente daqueles se entrar alguma coisa em órbita deve ser só merda. E eu sou obrigado a dar toda a razão aos caranguejos.

HISTÓRIAS ERÓTICAS

entrada do artista. Magro, franzino, a pele muito branca fazia ressaltar os ralos cabelos grisalhos. Curvou-se numa vénia para a assistência arrancando um coro generalizado de risos e assobios. Imperturbável o homenzinho dirigiu-se para o primeiro divan, cuja ocupante, uma loira esfumante lhe estendeu convidativamente os braços. . .

O delírio na sala tinha atingido o auge. O extraordinário artista estava a cumprir brilhantemente o programa que tinha anunciado. Já passara para o sexto divan e a sua ocupante, uma agressiva ruiva proporcionava só por si um espectáculo inolvidável de entusiasmo.

Tanto e tal que em certa altura todos notaram que parecia haver uma certa hesitação por parte do artista. . .

Fez-se um momento de silêncio. A momentânea hesitação do homenzinho tinha-se acentuado. Estava no sétimo divan e via-se claramente que só por uma extraordinária força de vontade ainda continuava o seu número. Começaram a ouvir-se gritos e protestos.

E talvez fosse isso que desencadeou a tempestade. O homenzinho parecia ter chegado ao limite das suas forças. Resignadamente abandonou a competição, e saiu cambaleante do palco entre gritos, protestos e assobios, enquanto a pesada cortina de veludo caía de novo pesada e inextinguível. . .

Atrás da cortina o senhor director espumava de raiva e gritava furiosamente contra o

homenzinho:
— Sua besta! Seu cretino! Que necessidade tinha você de fazer uma figura dessas e estragar o mais sensacional número de todos os tempos neste clube? Porque é que você não anunciou e fez um espectáculo só com seis raparigas? O efeito era o mesmo e tínhamos agora uma casa delirante de entusiasmo! Que tre-

menda inconsciente!
O homenzinho, visivelmente acabrunhado tartamudeou: — O senhor director desculpe. . . isto nunca me sucedeu! Eu que tinha tanto interesse em que tudo corresse bem para ficar aqui uma temporada, que até ainda esta tarde eu fiz um ensaio geral. . . e correu tudo tão bem. . . com todas as dez. . .

ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS

Um doutor canadiano procura voluntários para, durante cerca de onze semanas, se comprometer a não lavar os dentes e em vez disso tomarem um antibiótico pelo período de cinco dias. A experiência destina-se a provar a eficiência desse antibiótico contra as doenças de boca. Aos voluntários será feito um exame prévio e terão a obturação gratuita de todas as cavidades que surjam. Além disso, terão pasta dentífrica, "á brola", para um ano. Se o Canadá não fosse tão longe, muita gente que nunca lavou os dentes poderia aproveitar. . . e ainda venderia a pasta dentífrica!

Obrigá-los a lavar a "pia" é que nem por um decreto! . . .

A "Nasa" continua a dispendir milhões na construção de um robot espacial. Não será de condonar continuarem os americanos (e outros. . .) a gastar dinheiro com coisas espaciais quando há tanto em que empregar dinheiro cá por baixo. . . Além da guerra do Vietnam e outras!



HUMOR NEGRO



O DUELO

Ba teve um olhar de desprezo quando reparou que eles iam recomear a luta. Lutavam por ela, bem o sabia. Parecia que tinha sido ainda há poucos momentos que eles se tinham envolvido numa luta feroz, feita de rancores e de silêncios simplesmente entrecortados pelo arfar raivoso que um ou outro golpe involuntariamente lhes arrancava. Agora estavam de novo feroz e violentamente cada um deles procurando derrubar o adversário ou pelo menos levá-lo a ficar em posição em que lhe pudessem vibrar um golpe definitivo, talvez mortal...

Ela espreguiçou-se, indiferente. Sim: talvez um deles ficasse ali morto, quando a luta acabasse. Mas ela estava habituada a ver os outros lutarem por sua causa. Tinha já sido tantas as vezes que isso tinha sucedido... Pensando bem, só uma vez tinha acontecido morrer um dos que tinham lutado para ganhar os seus favores. E ela tinha tido pena: era ainda novo, cheio de vida e de entusiasmo e no breve encontro que tinham tido, antes de chegar aquele que a possuía, ele tinha tido para ela suaves movimentos e gestos de ternura que prometiam um encontro pleno de paixão. Mas não tivera tempo de concretizar esse encontro. O outro

chegara e logo que os vira juntos deprendera que todo o seu futuro com ela dependia duma luta imediata em que afirmasse que ela era sua e que não estava disposto a deixar que ela o abandonasse. Ela ainda se tinha querido opôr a essa luta que adivinhava mortal: ela bem conhecia o gênio dele, e o ódio com que ele tinha olhado para aquele jovem cheio de ilusões: mas isso apenas lhe valera ser empurrada brutalmente para o lado enquanto com gelada lentidão ele se dirigira para o outro...

Sim, tinha tido pena desse jovem cheio de ilusões. E de bravura, também. Porque ele podia ter fugido, ter evitado a luta, e não o tinha feito.

Esta vez a luta era mais igual. Os dois adversários agora momentaneamente separados, arfando quase dolorosamente,

olhavam-se com frio e calculista ódio, esperando o momento em que o adversário desse mostras de fraqueza. E o momento chegou. Ela quase sufocou um grito de aviso quando percebeu a manobra do mais velho. E sufocou-o porque bem sabia o que isso lhe poderia custar e um pouco cinicamente pensou que não valia a pena arriscar-se a que a sua colera se voltasse contra ela.

Ele fez um movimento quase hesitante como se se preparasse para abandonar a luta; e nesse o outro lançou-se sobre ele, abertamente, a peito descoberto, a cabeça levantada num rompante de ataque decisivo.

O outro virou-se como um raio e cravou violentamente os dentes na carótida do inimigo.

A cena pareceu imobilizar-se e depois diluir-se em lentidão, enquanto o sangue violento e dum vermelho vivo escorria pelo pescoço da vítima.

Ela virou a cara para o lado. A luta terminara. O vencedor aproximou-se dela devagar, com uma mancha dum vermelho vivo a sujar-lhe a boca. E enquanto o outro agonizava convulsivamente ensofando a terra com os últimos arrancos de vida, o leão mais velho abanou a cauda e veio deitar-se tranquilamente ao lado da fêmea.

Ilustração de [nome não legível]

Ilustração de [nome não legível]

UMA TENTATIVA DE

Eu desta vez não quis fazer uma entrevista qualquer. Vocês já sabem: a gente faz um dia uma entrevista que causa sensação e daí para a frente, está completa e profundamente fixado. Se depois disso fizer uma entrevista com uma peixeira ou com um guarda noturno, o público nem pestaneja e vira logo a folha.

Por isso eu já sabia que de-

pois daquela sensacional entrevista que fiz na semana passada tinha que ir entrevistar alguém muito importante. E tinha que ser alguém que as pessoas conhe-

cessem. Sim, porque isto de política internacional é muito importante, mas lá do estrangeiro, é bom para o meu compadre Alberto que tem a mania que percebe de

o que percebe daquilo. Ca por mim, não escrevo eônicas. E ainda outro dia quando já ali a passar pelo Diáque de Louie quem é que não hávia de ver, a sair dum



SUBORNO

orrido, muito bonito, que ali, óculos e de tacha arranhada, se chama Calinga, Cacimba ou há? Pois fiquem sabendo que que eu estou farto de ver nas era nem mais nem menos do fotografias dos jornais e na te- que o senhor, embaixador levisão, e que parece que o ca- Kockluchi, de braco dado xetro viajante dum grande coq um senhor gordinho de firma americana. Parece que meu xiquispres, disse:

EU

— 'Olô, sir! Good bai! Mim pode to make made made entrevista wita you? Yes?

KOCKLUCHI

— Yes! With certezza! Qué quérre saberre?

O SR. CALINGA

— No, no! No entrevistas! Senhor de Ford não quereer andari com entrevistas! Depois ficar chataado with me!

EU

— M my dear tzozinho, todo o body sabe que o Ford não anda com entrevistas: só anda with gasolina, understand? Pitrol

KOCKLUCHI

— Sim senhor! Ter muito razão! Pitrol to very importante. Ser por issa que senhor Kissinger ir tantas vezes ao Kuwait dos arabes...

EU

— Ah, bem me tinha querido parecer! Ele entio tambem e desses.

O SR. REZINGA

— You estar fazendo mala interpretação! I do not like you!

EU

— Ainda well! Você pode ir aos arabes, but ao meu Kuwait é que não!

KOCKLUCHI

— Calm, calm! Eu perceberre muito gudes! You jornalistas ser todas iguais! Fazer perguntas e depois escrever nossos respostas diferente!

EU

— Alto lá, mister coqueluche! Eu are ofending my código odeontológico! Fique sabendo que cá não há trafugations dessas! Olhe lá: como é que vai a CIA?

O SR. KACINGA

— No coment, no coment! You are a bad boy!

EU

— Boi sera elé! Olhe que se you insulta myself eu fazer apresentação de protestation diplomatical!

O SR. KOCKLUCHI

— No, please, CIA amiga de oureselves e nós dar very gudes notícias! Até pode ganhar umas crowns...

EU

— O seu vigarô! You are subornating myself?

O SR. KACINGA

— No, no, you do not perceiving my Cockluchi! O que quera speak era com bom fundo...

EU

— Olhe que se ele continua assim quem acaba por se picar no fundo é ele! Ora o clixter morno a quereer engatation myself!

O SR. KOCKLUCHI

— Please, no interpretation mal! Eu não quereer subirnarr you! Eu até podia dar you muitos dolar que era só por ser amiga! Se eu querria subornar tinha grande processa CIA para issa!

EU

— Ah tinha? O que tu tens plenty lata! Gostava de saber como é que one lingrinhas like yourself conseguia subornation um bom jornalísterra como me!

O SR. COCKLUCHI

— Muita facilíssima! Eu offerreca pacota de cigarras SGI!

EU

— Inessa altura cala-me, porque enfim, um homem não é de ferro...



A força do valor e o valor da força!

A ilusão dos sentidos e os sentidos da ilusão!

O domínio da incompreensão e a incompreensão do domínio!

As figuras do passado e o passado das figuras!

Os retratos de amizade e a amizade dos retratos!

O sentido das dificuldades e as dificuldades do sentido!

A luta das danças e as danças da luta!

As ideias progressivas e as progressivas ideias!

Os Deuses da mitologia e a mitologia dos "deuses"!

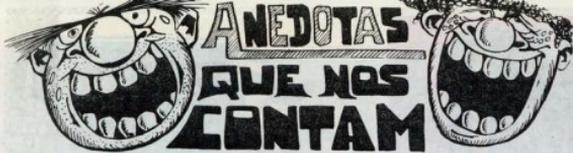
O espírito de muitos pobres e a pobreza de muitos espíritos!

O obscurantismo das massas e as "massas" do obscurantismo!

As cores de várias casacas e as casacas de várias cores!

A grandeza de um pequeno ponto e a pequenez de um ponto grande!

O direito da negação e a negação do direito!



ANEDOTAS QUE NOS CONTAM

Ao iniciarmos esta secção, devemos esclarecer que algumas das que nos têm contado e hão-de contar — porque isto de anedotas, de quem as conte e de quem as escute, são coisas que não se acabam nesta vida. E, aí vão duas, para começar e sem mais delongas.

A primeira passa-se numa daquelas localidades alentejanas onde improvisam, de tempos a tempos, touradas e "praças de touros":

O homem ficou sentado na junção de duas mal pregadas tábuas. Como havia pessoal de um lado e outro e os extremos vergavam, a "junta" fora abrindo... Mas, nisto o touro salta a barreira do "redondei" e todo o pessoal se levanta de repen-

te... excepto o "homem da junta" que, mal esta fechou, ficou apanhado pelas "partes fracas"... Afrito, grita então para o pessoal, com aquela característica toada alentejana:

— "Assentem-se, família, que o animal é mansol..."

E aí vai a segunda, que se passa numa aula de anatomia ou coisa que a valha, com um daqueles estudantes que ficam caros não só aos pais mas, ao País...

Pergunta-lhe o professor:

— "No homem, onde se situa o fígado?"

Depois da natural excitação de quem está "verde" na matéria, responde o estudante: — "Ao la-

do... direito!"

Viu o professor a pouca segurança da resposta e disparou de seguida:

— "E, na mulher?"

— "Ao lado... esqueçedi!" — responde o cábulas.

— "Com que então, ao lado esquerdo?!"... — torna o professor — "Vê-se mesmo que sabe disto!"...

Mas, o cábulas — que, como tantos outros da sua espécie, não deixava de ser desenrascado, retorquiu, emendando a mão:

— "Perdão, senhor Doutor... Ao lado esquerdo... de quem entra!"...

E, até à próxima dose... Se já as tinham ouvido, desculpem-nos!

CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES

(cont. na pág. 5)

— Não, não, nunca mais o esquecerei! Estava eu, fermosíssima Gertrudes, trémula e tímida como um passarinho, e vós estivestes durante quatro horas a ler o Manual da Arte de Bem Navegar a Todo o Pano, sem me ligardes péva...

EL-REI

— Estava a completar a minha instrução! Que querieis que lesse?

D. BRIOLANJA

— Pelo menos podíeis haver lido a Arte de Bem Cavalgar Toda a Sela! Seria mais apropriado!

EL-REI

— Senhora! Que termos!

D. BRIOLANJA

— E depois, quando eu criando um pouco de alento me atrevi a demonstrar-vos uns ternos afagos... ih! ih! ih!

EL-REI

— Senhora, porque choraides?

D. BRIOLANJA

— Porque me lembro da minha mocidade perdida! Porque me lembro que nessa noite vos virastes para mim, poisastedeis o maldito livro e dissestedeis: — "Senhora, deixai-de desses meneios indecorosos que não vão bem a uma dona casta e submissa ao seu amo e senhor! Se assim o querieis, ponde-vos na posição matrimonial que vos vou acometer!"

EL-REI

— Senhora que as minhas faces se tingem de pudor! Se alguém houvesse ouvido as vossas palavras...

D. BRIOLANJA

— Teria pena de mim, que vos aturo há quinhentos anos! E diria que tal como os modernos entremezes, a minha vida teve cenas eventualmente chocantes!

CARTAS DE OLINDA A ALZIRA

(cont. da pág. cent.)

Contrariava em vão, em vão retinha Ignotos medos, sófregos desejos. Suspensa e curiosa, eu esperava Gostosa cena, em que prolixas noites Pensando o que seria, despendera. Enquanto desta sorte embelezada Me tinham tais ideias, já Belino, No frenesi maior de grau ou força, Os meus secretos votos preenchia. Em torno da cintura levantados Meus trajes inferiores, sobre os joelhos Sentindo os de Belino desprendidos, Alargando-me os pés, tomando, entre eles, Vantajosa atitude a seguir projectos, Franqueando co'á mão fácil entrada A chamejante lança, que tocava O mesmo sítio que invadira o dedo, Forçou para ferir-me com seus golpes, Com impeto tamanho, com tal raiva, Que nem dos gritos meus se comovia, Nem podia o meu pranto apiedá-lo: Co' o forte impulso as movecidas carnes Levava-me às entranhas; da ferida Corria o sangue, mas ach que pudesse Ao ferro assolador ascar bafinha. Seus dedos sanguínários finalmente, Duma e outra parte com vigor sustendo Flexíveis membros, redobrando as forças Da valente impulsão, a cruel lança Rompeu cruenta ingresso... Traspassou-me. Que dor, Alzira!... Dei tão alto grito, Que Belino, depois, disse o assustára. Bem que fosse de meus pais distante o quarto, Sem sentidos fiquei, enquanto o amante Os trofeus da vitória recolhia; E só tornei a mim, quando ao meu sangue Suave irrigação veio mesclar-se, A agitações de gosto a dor cedendo. De gosto inextrável, que provará. Num momento apertada, com Belino, Na activa sensação, toquei com ele A meta das delicias, transportada De muito mais prazer do que a dor fora. Neste instante, convulsa e delirante, E como se um espasmo suportasse. Interfeida toda, os meus alentos Senti reconcentrar-se num só ponto. Findava o meu amante, inda eu gozava (Comprindo-o o comigo) altas venturas, De que, sedenta então, não poderia Fartar-me assaz: meus braços exauridos, Meu colo e pés, eu toda fatigada Do veemente tremor em que lidara, Caí prostrada, quase semi-morta. Quando a meus olhos (que caligens densas Tinham adoberto) a luz tomou de novo, Volvi-os sobre o amante, de tal sorte Que, ao vê-lo, já suplico o instigava. Não ficava ocioso neste tempo, Na que exame gastou do entrado forte, Pasmado dos estragos que fizera, E dos despojos que lucrava alegre. Da máquina que a praça expugnou firme, A estrutura e altivez eu dividando, Custava-me a atinar como pudera Plantar-se o ob'licso no reduto estreito. Belino, minhas vistas compreendendo,

Faz-me sentir, forçando-me a tocá-lo,
Marmôrea rigidez, cor escarlata,
Forma e calor de obuz, que dispara.
Quando submisso, da peleja lasso,
O vi depois sem o estendido conto.
Branas roupas trajava, mais humilde;
Mas agora, afrontando, arremecado,
Monarca ufano, a púrpura do côlo,
Com furor ao combate se aprestava.
Reverberou seu fogo em minhas faces,
E a veia e veia, delas espalhado,
De todo o corpo me fitrou os membros.
Da lascivia ao pudor jungindo o peso,
Fez-me Belino levantar; e, tendo
Ele, sentado, unidos os joelhos,
Sobre eles me sentou, e franco acesso
Da lança abrindo à ponta, a foi de manso
No riste pondo, té que a meio conto
Nele embebeida, sobre si de todo
Levando o peso meu, entrou de modo
Que fiquei té às visceras varada.
A introdução tão forte pouco afeitos,
Meus delicados membros se avexaram;
Mas curvando-me um pouco e com justeza,
Achei convir ao estejo o instrumento,
Cuja palpação, sem ajustar-nos,
Em cadência recíproca aliada,
Batava a provocar gosto indizível,
De modo que sem mais fadiga eu pude,
Na grata posição Belino imóvel,
Atingir o prazer mais saboroso,
Nadar em mil deleites engolfada.
Aqui, amada Alzira, essa virtude
Que apelidam pudor, foi-me odiosa.
De seus grilhões liberta, possuída
De um venéreo furor, impaciente
De comprimir a mim o caro amante,
Arranquei-me da lábrica atitude,
Sobre ele me arrojéi, toda ansiosa
De me identificar co'ô meu Belino.
Estreitada com ele, abandonada
De amor à raiva que ambos incendia,
Sobre mim o arrastei junto do leite,
Onde ao meu peito o seu, aos seus meus lábios,
Do corpo os membros todos enlaçados,
Misturando nos ósculos o alento,
Nos ósculo libando doce néctar,
Em tal agitação, que aos céus alcançar-me,
E abater-me aos abismos parecia,
À vida de absorver a grossa lança,
De sofrer-lhe a rizeja diamantina,
E de arrostar-lhe os golpes incessantes,
Sentindo o instante em que violento impulso
De celeste efusão me ergueva o termo.
Nas mãos e nos pés sós firmando o corpo.
Tanto me impertiguet, que o meu amante
Sustive sobre mim, suspenso, enquanto
Aos finais paroxismos succumbindo,
Ao meu uniu seu último gemido,
E dentro das entranhas abrasadas
Lançando-me torrentes d'almô influxo,
Submersa me deixou, num mar de gozos.
Julgas, Alzira, que entre tanto gosto
Na assidua compressão me não doíam
As maceradas, melindrosas carnes?
Ahl! que esta dor pelo prazer vendida
Irritava emoções deliciosas,

Sobrelevava às sensações mais gratas.
Qual sequeiro cervo, repassado
Da calmosa avidez, suaves gotas
Rábido anela e quanto é mais sofrida
Ardenste sedez, tanto mais ensopa
Uma e outra vez insaciáveis fauces,
Nãô d'outra sorte flagelados membros,
Da dor pungidos de cruéis combates,
Balsâmica emoção consoladora
Com avidez sucavam, insofridos.
A aluviô prolífica eu sentia,
Pruridos divinos, e estremecendo
A meliflua impressão, perenais gozos
Bastante tempo após gozava ainda.
Neste instante expirou, dentro em minha'alma,
Temor nefando, que molava ao culto.
Nova moral raiou de Olinda aos olhos;
Eu tive em pouco ríspidos preceitos,
Ameaças cruéis, com que ralavam
Meus anos infantis. Doeu-me, Alzira,
De ver tanta beleza definhada,
Da hipocrisia vítimas infaustas.
Aponta a idade, em que é d'amor forçoso
As delicias gozar; em que almo víciosos,
Como nas plantas, nelas assinala.
Grata reprodução consigo abafam,
Envenena-se o germen da natura,
Infeccão purulenta as vai minando,
Que seus dias termina ou os condena
A lânguida existência. Abate o corpo,
Abate o esp'rito, corroido o alento.
Novinômos a acção, eu e Belino;
De iguais em força, sem perder coragem,
Nenhum de nós cedeu, bem que durasse
Algumas horas o combate aceso;
Mas da noite feliz o longo manto
Que os mistérios de amor comete às trevas,
Com róseos dedos a invejosa Aurora
Cruel abrindo, fez dentro em meu peito
A escuridão entrar, que em torno tinha.
Foi-me odiosa a luz, que afugentava
De mim com o amor p'renes delicias.
Uma e outra vez Amor tem facultado
Ao constante Belino, à terna Olinda,
Outros, como estes, prósperos momentos.
São de tormento para mim os dias
Que té-lo junto a mim de balde busco.
Para ele o tempo que sem vêr-me gasta,
Figura-lhe de um século a distância.
Já Himeneu houvera de enlaçar-nos,
Se o mundo, Alzira, o mundo, que não cuida
Senão em portar sua ruína,
De longo tempo não tivesse urdido
Iníquas tramas, hórridas ciladas,
Que ao homem (digno prêmio de sua obra)
Barreiras põem na estrada da ventura.
Retrocede o infeliz dum a outro lado
Tropel de fúrias, que consigo arrasta,
Negras voragens vê ante os seus passos,
Filhas do Erro, que animou insano.
A Fortuna, que foi comigo larga,
Negou seus dons a meu querido amante.
Ele não conta nobres ascendentes,
De quem meus pais se dizem oriundos.
É quanto basta para erguer muralhas
De alcance, entre ele e mim, inacessíveis.
O ditoso Himeneu não me é preciso;

O Himeneu, aparato de teus votos,
Para entre os braços seus toceir'afrouta
Indissolúveis nós co'ô meu Belino.
Sou d'ele, é meu; os homens que se ralem.
Alzira, tu, que a amor meu peito abraste,
Abre meus olhos à Natura inteira;
Eu quero nela ver os meus destinos;
Sô nela eu quero divinas verdades,
Solícita, explorar, viver só nela,
Cumpra as gratas promessas que me fazes,
Deva a ti só a tua Olinda tudo.
Nãô há para os cristãos um Deus dif'rente
Do que os Gentios têm, e os Mulçumanos.
O que a razão desnega, não existe;
Se existe um Deus, a Natureza é of'rece;
Tudo o que é contra a ele é ofendê-lo.
Devo, eu seguir o culto que me apontam
As impressões da própria Natureza?
Tenho uma relegião em praticá-lo?
Que mundo é este, pois, prezada Alzira?
Têm os homens levado o seu arrojô
Tê forjarem um Deus na ourada mente.
Traçar-lhe cultos, levantar-lhe templos,
Atribuir-lhe leis, que a ferro e fogo
Extranhos povos a adorar constragem,
Imolando milhões à glória sua?
Nos lábios têm docura e probridade,
No coração o fel, a raiva. Os monstros
São maus por condição, ou maus por erro?
Não, eu não posso, Alzira, deste enigma
Romper o denso véu: minhas ideias
Jazem num caos de hórrida incerteza;
Hesitar me não deixes por mais tempo.
Minha instrução confio aos teus cuidados;
D'amizade o esplendor, dá-te a mim toda;
Acaba de fazer-me de ti digna.

F I M

OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

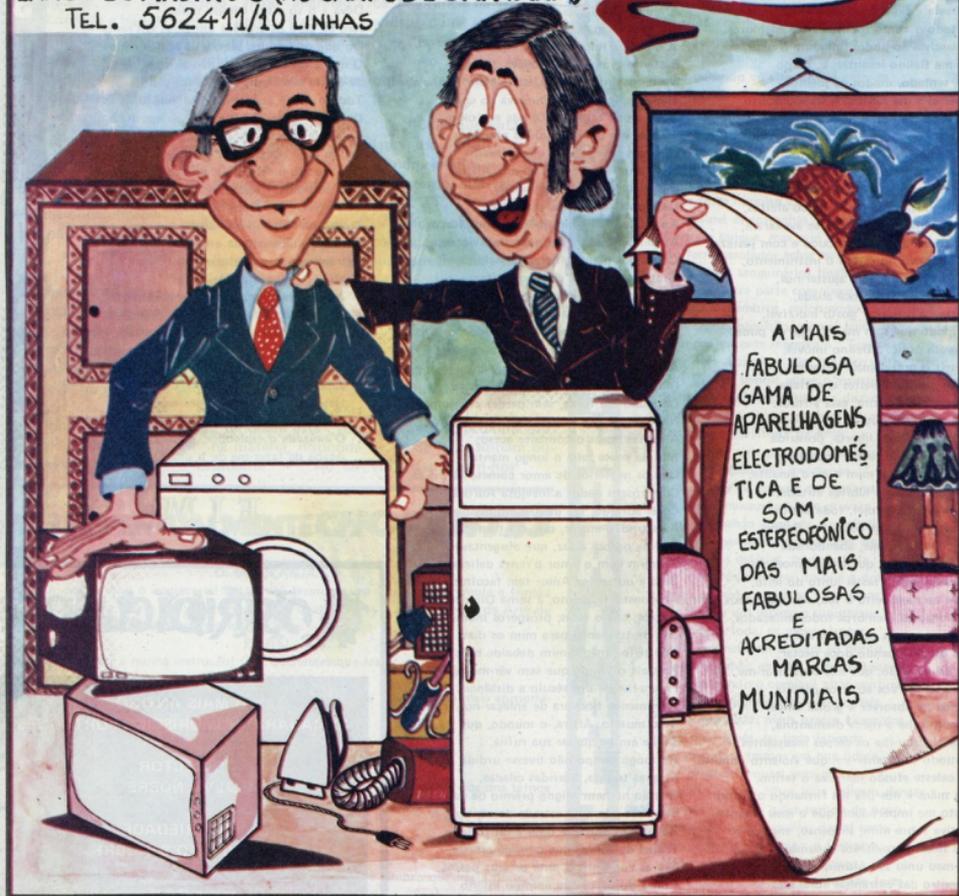
Redacção, administração, composição
e distribuição
R. Conde Redondo n.º 12-2º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 5624-11/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO

"EPEDA" E "DELTALOC"